

Evento: XVIII Jornada de Extensão

GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DANÇANDO SEM TABUS¹ GENDER IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: DANCING WITHOUT TABOO

Eduarda Virginia Burckardt², Joice Terezinha Lemanski Dos Santos³

¹ Relato de experiência em uma turma de Educação Infantil do Centro de Educação Básica Francisco de Assis- EFA.

² Professora do Centro de Educação Básica Francisco de Assis- EFA.

³ Professora do Centro de Educação Básica Francisco de Assis- EFA.

INTRODUÇÃO

O olhar para a escola é geralmente voltado para as questões de aprendizagem e conteúdos, tendo como sua centralidade o conhecimento. Neste viés a escola é o espaço propício quando pensamos em trocas de informações, construção e enriquecimento de diferentes saberes. Para tanto, olhar a escola somente com esta perspectiva significaria deixar de lado muitas questões relevantes que perpassam por salas, pátios e corredores.

É necessário considerar que a escola é uma extensão da família, e que principalmente na Educação Infantil, as vivências familiares são muito presentes, pois as crianças trazem para dentro da escola seu mundo vivido com muita intensidade e da mesma forma, compartilham em casa o que vivem na escola.

Nesse sentido é que as questões de gênero acabam perpassando as mais variadas situações dentro do universo escolar, tomando proporções e caminhos guiados pelas pessoas e pelo conhecimento destas que atuam neste meio. Assim, essas situações devem ser debatidas, problematizadas e repensadas pelo conjunto que compõe este lugar, entre eles, pais, professores e crianças.

Segundo Goellner (2013), nascemos todos iguais, seres humanos, machos e fêmeas, e vamos sendo produzidos e nos produzimos de diferentes modos, pelas roupas, cores e brinquedos, que vão determinando, no contexto social, a qual gênero pertencemos. Para autora a expressão "gênero" refere-se à construção social dos sexos. Construção essa que ocorre tanto no âmbito familiar, social e transcorre pela escola.

Com a intenção centrada nesse debate, esta escrita tem o objetivo de analisar uma situação vivida em uma turma da Educação Infantil do Centro de Educação Básica Francisco de Assis- EFA, com o desejo de reflexão sobre as questões de gênero debatidas na escola, pelo viés da dança.

Desenvolvimento

A dança e a expressão corporal, sempre foram focos de estudo na EFA, desde as turmas da

Evento: XVIII Jornada de Extensão

educação Infantil até o Ensino Médio esta temática é pensada e explorada de acordo com a faixa etária e as possibilidades dentro da singularidade de cada turma, considerando as suas experiências para então produzir novos sentidos e debates.

Nesse viés Marques (2003), contribui com a ideia do tema gerador na dança, a qual produz, causa, desenvolve e cria conhecimento, ultrapassa o senso comum e demanda novas informações, provocando situações de debate e relações. E com essa intenção os temas são pensados e adaptados para cada turma.

No ano de 2016 o tema geral foi: *Descortinando Ritmos: Brasilidades*, o que trouxe como norte o Folclore que orientou a pesquisa e o desenrolar dos passos. No decorrer do trabalho, abordamos muitos assuntos relacionados com o tema, entre eles as rodas cantadas e as muitas possibilidades de exploração.

No projeto Folcloreando as crianças brincaram e se divertiram muito resgatando várias cantigas de roda. A turma A41 como estava trabalhando a roda cantada "A Canoa Virou", optou por utilizá-la como tema para a construção coreográfica, pois ela teve grande aceitação e envolvimento pela turma.

Durante as muitas brincadeiras de roda, algumas fizeram mais sentido e junto delas, quando pensamos em músicas, juntou-se as canções Marinheiro e Sereia, que fazem parte do folclore brasileiro e a partir daquele momento foram sendo pensadas e re-significadas pelas crianças.

Em meio a debates, as ideias eram problematizadas e as decisões para compor a coreografia iam sendo tomadas em conjunto. No momento, a sugestão de grupos de personagens foi aceita e as crianças foram as responsáveis por escolherem seus personagens. Da forma com que eles se organizaram, tinha crianças de ambos os sexos em cada um dos três grupos: marinheiros, peixes e sereias - por vontade própria.

A questão de discutir se o grupo era de meninos ou meninas, não surgiu no grupo de crianças, sendo que estas ficaram bem a vontade de se colocarem no grupo a qual se sentissem bem. O que observamos aqui é que as questões de gênero neste grupo de crianças não teve interferência alguma, pois em nenhum momento determinaram personagens, lugares, espaços ou cores.

Contribui com este debate Goellner (2013) quando relata que gênero é observado como algo que integra a identidade do sujeito, que faz parte da pessoa e a constitui. Sendo assim, este é produzido na cultura, e as diferenças vão sendo construídas ao longo da vida por práticas sociais incorporadas pelas pessoas, sem ao menos se questionar, acabando assim, reproduzindo padrões impostos.

A preocupação ocorreu pelos adultos (professoras) que estavam fazendo parte do processo, apenas na situação de colocar para os responsáveis (pais), para a confecção das fantasias, já que todas as crianças dos grupos usariam roupas de marinheiro, sereias e peixes. O que foi surpreendente é que os pais não se opuseram quanto às escolhas das crianças, dando apoio e mesmo ajudando na confecção dos trajés.

Evento: XVIII Jornada de Extensão

As crianças não demonstraram nenhum tipo de estranheza ou aversão às fantasias, empolgados que estavam. Meninos e meninas usaram a mesma cauda de sereia, os mesmos macacões com lantejoulas coloridas de peixinhos e o mesmo uniforme de marinheiro - com uma saia para a marinheira por pedido da aluna.

Essa situação nos faz pensar que a construção de gênero não pode ser determinada por uma ideia estática e definida por alguns grupos e que as crianças na maioria das vezes não enxergam as situações assim, a não ser quando o adulto já embutiu a ideia, sem ao menos pensar nas colocações feitas por elas.

De acordo com Schwengber (2013, p. 341):

As identidades de gênero não são tomadas aqui como individualidades, nem como processo estático (e definido), mas como processo aberto que envolve uma incessante reorganização de significados culturais, com os quais nos relacionamos nos contextos socioculturais. Assim, entendo as identidades como múltiplas e plurais, podendo ser assumidas, ao mesmo tempo, pelo menos ou por diferentes atores sociais. As identidades são construídas, produzidas de forma discursiva e dialógica pelas representações dos discursos e dos objetos culturais.

Dessa forma, é necessário considerar que um trabalho que siga esta ideia na escola é fundamental, para que a criança estabeleça relações sem distinções. Nas aulas com a professora pedagoga da turma não tem distinção de gênero ao trabalhar seus conteúdos e atividades em sala de aula. As crianças tem liberdade de escolher com o que brincar (carrinhos, bonecas, casinha, fantasias...). Para caminhar com organização, as filas não são organizadas por 'meninos' e 'meninas', mas sim por duplas, com as crianças escolhendo a dupla para andar ao seu lado.

Sabe-se que nesta etapa da educação as crianças ampliam suas relações para além do grupo familiar e trazem consigo características culturais. E na perspectiva sociocultural podemos ver formas de controle do corpo infantil, que sutilmente se apresentam na escolha da cor das roupas, mochilas, temas de festas, personagens de filmes, tipos de brinquedos... que as famílias selecionam e fazem com que as crianças utilizem. Nota-se algumas vezes nos diálogos das crianças a fala feita pelos adultos:

- Hehehe! Isso é cor de menina! (no caso do rosa)
- Mulherzinha! Mulherzinha! (quando um menino não quer aventurar-se em determinada atividade que envolva "risco")
- Iii! Menino não chora!

Essas falas não são naturais das crianças, aparecendo e aumentando em intensidade conforme crescem e trazem consigo a bagagem cultural e familiar, se acomodando aos papéis de gênero a

Evento: XVIII Jornada de Extensão

eles impostos. Essas situações quando aparecem, são sempre atraídas para o debate do grupo e problematizadas.

Dentro da atividade proposta em sala de aula, as crianças não demonstram uma preferência específica, por ser menino ou menina, mas gostos momentâneos, experimentando com brinquedos e brincadeiras diferentes. É mais fácil dizer que os gostos mudam de criança para criança, do que deste ou aquele gênero. Nessas interações durante as brincadeiras, é que as crianças se desenvolvem e se constituem através das escolhas de papéis, das preferências, das disputas, das conquistas ou frustrações.

Para Vigotski (2007), na abordagem histórico-cultural, brincar é satisfazer necessidades com a realização de desejos que não poderiam ser imediatamente satisfeitos. O brinquedo seria um mundo ilusório, em que qualquer desejo pode ser realizado.

Nas aulas de Educação Física em que o movimento é centralidade, as atividades não são diferenciadas por grupos de meninos ou meninas, nem mesmo tarefas que são de um grupo ou de outro, por exemplo: se a atividade é com corda todos vão participar, se é com bola, todos vão vivenciar sem distinguir o que é tarefa ou atividade de menina ou menino.

Quando trabalhado com a dança e a expressão corporal o movimento é conduzido na forma em que a criança é o autor do processo, o qual tem capacidade de pensar, tentar, a redimensionar os movimentos, sem seguir padrões estabelecidos pela mídia com danças e movimentos já estereotipados.

Considerações finais:

Com essas observações e reflexões foi possível perceber que as crianças durante a realização do projeto Folcloreando, nas aulas com a professora pedagoga ou com a professora de educação física, não tiveram preconceito em escolher seus personagens e se inserirem na coreografia. Também as professoras e familiares, trataram com respeito à escolha de cada criança.

Ao ver as falas e atitudes das crianças, durante as brincadeiras e atividades propostas, percebe-se que a criança vai se constituindo conforme suas interações e inter-relações, e que seus conceitos e preconceitos são trazidos de seu meio, e das atitudes que a família e sociedade quer que representem. A ideia de que “menino não brinca de boneca” ou de que “menina não joga futebol”, é o reflexo da sociedade que vivemos. Se na escola estes conceitos são reforçados, podemos estar incentivando os preconceitos.

Os espaços e atividades propostos devem ser utilizados por meninos e meninas indistintamente: Meninos participam de brincadeiras de casinha, fazem comidinhas, passam roupa, cuidam dos bebês; meninas brincam de carrinho, futebol, jogos de montar, super-heróis. As crianças trocam e experimentam os papéis inerentes a qualquer ser humano, e não a um ou outro gênero ou sexo (HASLINGER, 2013). Tudo é descoberta e alegria.

Evento: XVIII Jornada de Extensão

A educação implica na construção de sujeitos, independente da perspectiva que assuma, e a questão de gênero pode ser um conceito relevante para as questões educacionais, discutindo não só o caráter natural de menino/menina, homem/mulher, e sim de sujeito vivo, de escolhas, sentimentos e valores próprios.

Palavras- chave: Gênero, Educação Infantil, Dança, Brincadeira

Keywords: Gender, Early Childhood Education, Dance, Play.

Referências:

MARQUES. Isabel. **Dançando na escola**. São Paulo. Cortez., 2003.

GOELLNER. S. **A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico profissional da Educação Física**. In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana;

HASLINGER, Janaína D. T. **Gênero na educação infantil**. Revista Pátio. Porto Alegre, RS, supl. julho/setembro, p.3-21, 2013.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione (Org.). **Educação Física e gênero: desafios educacionais**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013.

VYGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente**. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007